

Série Memórias: Protagonismos no Serviço Social

Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Jacques le Goff

Iniciamos neste número, uma Série de Memórias que a Revista Flecha do Tempo publicará em suas futuras edições. A Série é resultado de pesquisa coletiva que o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Questões Metodológicas vem desenvolvendo e que tem por título “Estudo da Trajetória do Serviço Social: diferentes visões e versões”. O estudo tem como propósito dar voz e conhecer diferentes experiências sociais e protagonistas do Serviço Social. Experiências (sociais, humanas), quando conjugadas no interior de uma profissão e articuladas ao todo, têm o poder de superar ideias fragmentadas e clarear melhor o caminho de construção histórica. Pensamos assim em realizar uma releitura da profissão através não só dos eventos que marcaram as mudanças no Serviço Social como também dos depoimentos e memória de seus protagonistas reais. Utilizando o método multidimensional de investigação por meio de entrevistas estendidas definimos como sujeitos assistentes sociais estabelecidos através de períodos predefinidos: 1a. fase – 1946 até 1969; 2a. fase – 1970 até 1993; 3a. fase – 1994 até 2017. Esta última fase destaca a visão e experiência dos assistentes sociais contemporâneos.

PROFA. DRA. ILDA LOPES RODRIGUES DA SILVA



Fonte: Arquivo Pessoal

Assistente Social, graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1964) e Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976).

Atualmente é professora associada do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com atuação na Graduação e Pós-Graduação.

O interesse pelo Serviço Social

Naquela época, na década de 60, tinha somente o clássico e o científico e optei pelo científico. Minha família, na verdade meu pai, queria muito que eu fizesse medicina, pois ele era farmacêutico. Estava no último ano do curso científico e em uma série de cursos que o ministério dava sobre pedagogia, educação, criança e adolescente. Porém, uma colega que era freira e agora não é mais, chamada Marta, me disse: eu tenho uma prima que fez Serviço Social. Ela trabalha socialmente com habitação na Ilha de Paquetá. Na verdade, eu nunca tinha ouvido falar sobre o Serviço Social na década de 60.

Fui conversar com ela, já que eu não queria fazer medicina. Ao conversar com ela, me mostrou retratos do trabalho social que estava sendo desenvolvido pela equipe do serviço social e pela arquitetura. Eu achei aquilo interessantíssimo, trabalhar com garis, ajudar aqueles que não tinham uma moradia digna, eu achei aquilo fantástico. Ao conversar com assistente social que trabalhava na Ilha de Paquetá, ela me explicou que tinha uma assistente social responsável por aquele trabalho, Ana Augusta de Almeida. Eu achei interessante e decidi que era isso que eu iria fazer. Cheguei em casa e disse: “olha não vou fazer medicina, eu vou fazer serviço social”. Meu pai disse: O que é isso? Eu entendi assim, são pessoas que vão trabalhar com outras pessoas, para possibilitar melhor qualidade de vida. Resposta do pai: “então faz!”. Eu fiz e não me arrependo. Diante dessa decisão fui à escola: Instituto Social, hoje, departamento de Serviço Social da PUC-RJ. Na visita fui recebida pela diretora do curso Profa. Araci Cardoso. Eu

estava no impasse “fazer ou não fazer”. A Profa. Araci orientou-me a fazer o curso e depois avaliar. A minha avaliação foi que nunca mais sai do Serviço Social. Até minha família avaliou e avalia que eu fiz a escolha certa! Naquele tempo, não tinha nada escrito sobre a área; fui buscando informações e foi assim que eu descobri o serviço social, dessa maneira diferente.

A busca pela formação e a prática profissional

De início me envolvi com o diretório de estudantes das escolas de serviço social; chamava-se escola de serviço social do instituto social da universidade católica. Depois assumi como secretária de assistência aos estudantes do Rio de Janeiro, respondendo pela recepção dos alunos no restaurante calabouço; era famoso esse restaurante para estudantes, porque naquela época tínhamos muitos estudantes que vinham do norte e nordeste e não tinha dinheiro para comer, para morar, doentes – tuberculose; então, o calabouço foi um lugar de abrigo para eles. Nós do diretório, também visitávamos os sanatórios e conhecíamos a realidade deles e depois discutíamos com todos os alunos do calabouço as circunstâncias. Eu aprendi muito, era uma estudante de serviço social que tinha contato com vários estudantes de diversas regiões, porque você estuda na escola de serviço social isolada, mas quando debate com outros estudantes você aprende, então eu já tinha um trânsito em várias áreas do conhecimento. Logo em seguida terminei o curso. Meus estágios foram muito interessantes, minha primeira experiência foi com professora Maria Lucia de Almeida. Conheci a realidade da favela e depois passei pelo arsenal da marinha e nesse espaço, percebi a diferença entre os militares e os civis. Os militares tinham uma fábrica com restaurante somente para os oficiais e os civis não tinham restaurante; fui percebendo o jogo de empréstimos entre eles, um jogo de exploração. Mas foi muito bom, conheci outra realidade e então pude desenvolver uma série de ações. Por último, fui fazer estágio com Profa. Ana Augusta, penúltimo ano ou último ano. Ela era uma inovadora, eu aprendi caso, grupo e comunidade, sou da época que aprendia isso, mas ela era uma assistente social muito inovadora; estava tentando estudar outras formas de ajudar as pessoas. Com ela iniciei um trabalho em uma favela perto da PUC-RJ, primeiro eu fui para agência de família, trabalhávamos com as famílias no entorno da PUC-RJ. Depois elaboramos um projeto para uma favela grande que ficava, no morro acima da PUC-RJ. A Profa. Ana Augusta me disse: “Ilda você vai e anda naquela comunidade (naquele época não podia andar na

favela) suba e converse com as pessoas”. Aí eu tive a minha primeira lição; estar junto com as pessoas, dizer a ela o que eu era, de onde eu vinha e que a gente poderia construir com elas um trabalho. Na época havia associação de moradores. Comecei a conversar com as pessoas, trocar ideias e surgiram vários projetos, um deles muito interessante, para as jovens e os jovens, preparando-os para mercado de trabalho. Também desenvolvemos um trabalho com as crianças. Eu tinha feito cursos na escola científica e na pedagogia que me ajudaram muito nas atividades. Até pouco tempo eu tinha contato com esses jovens, agora são adultos com filhos. Essa experiência resultou no meu TCC. Não agradou muito a banca, porque sai do esquema clássico: casos e comunidade, fui andar e conversar com as pessoas, conhecer a realidade e isso não era muito aceito, mas me ajudou muito, alargou meus conhecimentos; depois a Profa. Ana Augusta conversou com banca e eu acabei passando bem.

Quando me formei convidada pela Maria Lina (falecida) para assumir o departamento de favela como assistente social, fui contratada para trabalhar no parque proletário, perto da PUC-RJ, hoje um centro de saúde. Esse parque era formado pelos proletários, antes era assim que se denominavam as pessoas retiradas da favela e que eram colocadas em casas provisoriamente de madeira oferecidas pela prefeitura; claro que o provisório virava permanente. Também era responsável pelas famílias que moravam nas palafitas da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro.

Encontrei uma colega de profissão e em nossas conversas ela sempre dizia que queria sair do país, para conhecer o serviço social fora do Brasil, ver a história que não está nos currículos. Essa amiga me falou que tinha uma bolsa de estudo na Alemanha, (eu não sabia nada de alemão). Resolvi tentar também e quando vieram fazer entrevistas, perguntaram sobre o meu trabalho, contei que estava na favela do Pinto, no Parque Proletário e no departamento de favelas; minhas experiências me ajudaram e logo tive a notícias que tinha sido aceita.

Passei um ano na Alemanha – financiada pelo senado de Berlim de esporte - comecei a fazer estágio na *hamestai* – que é um centro social. Trabalhei com meninos jovens turcos pois havia uma grande comunidade turca em Berlim. Tinha colegas assistentes sociais que ficavam comigo no centro social, então, conheci o lado pobre da Alemanha rica. Essas colegas carregavam um sentimento de culpa pela guerra e ainda, havia o muro. Era viver em uma cidade cosmopolita mas com a tensão do muro e de famílias separadas. Fiz várias visitas no lado oriental da Alemanha, porque uma colega nascida no Brasil estava morando lá então eu podia ir até o lado oriental conhecer as famílias; foi assim que conheci

os dois lados. Depois fui para agência de famílias trabalho também interessante, mas descobri que gente do Brasil, sabia muito sobre serviço social, não posso dizer que aprendi serviço social lá, posso dizer que aprendi outra cultura, outra realidade, foi um ano muito especial para mim.

Para receber a bolsa eu tive que pedir dispensa do meu trabalho, mas durante o ano que fiquei na Alemanha, mantive correspondência com a Profa. Ana Augusta e quando eu voltei ela me convidou para ser instrutora na PUC-RJ. Aceitei e comecei em novembro 1966 e depois passei a docente; fiquei na PUC-RJ até julho de 2012. Me encontrei nesse espaço acadêmico, gostava do que fazia, além disso, as amizades que fiz foram muito gratificantes.

Naquele período não tinha mestrado, não tinha doutorado, só em 1972; então, como se formava? Você ficava junto de um professor e aprendia com aquele professor, foi assim que eu me tornei professora, depois fiz cursos, mas na realidade foi assim que comecei; acompanhei a Profa. Ana Augusta e depois a Profa. Sonia, foi assim que aprendi.

Comecei na PUC, mas fui convidada para dar aula na universidade do estado do Rio de Janeiro, na década de 70; chamava-se Universidade Estadual do Guanabara (UEG). Estava na PUC de manhã e a noite na UEG. No final de um ano sai, porque estava fazendo um trabalho na favela e era muita coisa. Depois fui convidada para dar aula na federal do Rio de Janeiro – UFRJ e depois de um ano também sai. Depois a assistente social Tecla Machado (falecida) iniciou um movimento para criar uma escola chamada UNISUAM – Universidade Augusto Mota, na zona oeste, na Leopoldina, no Rio de Janeiro e me convidou para compor com ela; sou uma das fundadoras do curso da UNISUAM, fiquei um tempo e depois sai.

Na PUC-RJ comecei minha carreira docente, mas não podia somente dar aula eu tinha que fazer alguma coisa diferente. Fui para campo de estágio, para o Instituto de Cardiologia, fiz um bom relacionamento com assistente social Helena Tribui, então ela permitia que eu fizesse reunião no campo, com os médicos e com os outros profissionais e por causa desse contato, começamos a discutir o que era interdisciplinaridade. Eu tinha experiência de campo nas favelas, com famílias e passei para área da saúde, foi bom!

A Profa. Ana Augusta minha mestra, a verdade é que até hoje a considero uma das assistentes sociais mais brilhantes tanto no estudo como na dedicação. Já se começava estudar todo movimento de teorização do serviço social, ela engrenou por esse caminho chamado fenomenologia existencial e começamos a estudar. Foi muito interessante porque não tive a oportunidade de conhecer esse tipo de

literatura. Nós estudamos muito a literatura de serviço social, naquela época tinha pouca literatura nossa, o que nos tínhamos era a literatura da Balbina Otoni Vieira que fez a condensação do saber do mundo em vários livros.

Naquele momento que se discutia a importância da constituição e com a minha presença sempre trabalhando com famílias, crianças e adolescentes, começamos na PUC-RJ um trabalho, fruto até da minha inserção na pastoral penal, naqueles anos críticos. A comissão realizou, muitas atividades, entre elas seminários que é nosso perfil (?). Visitei a penitenciária de Ilha Grande (RJ), (hoje desativada) e tive contato com as famílias dos presos e com os presos. Para chegar na Ilha Grande, íamos junto, no mesmo barco, com as famílias e os presos. Na ilha grande eu era única assistente social o diretor disse: a senhora tem coragem de ir lá e visitar os presos. Eu digo: eu tenho coragem! Hoje seria completamente diferente. Comecei a receber os presos, as queixas deles. Eles relatavam: “nós ficamos aqui isolados”; “nossa família não vem”; essa penitenciária era uma colônia agrícola. Conversamos com o padre responsável e criamos um projeto de atendimento ao preso, que funciona até hoje; minha ex-aluna, gostou tanto que está lá até hoje. Como me envolvi com a pastoral eles me convidaram para trabalhar na Funabem, com os meninos - adolescentes internados. Comecei observando que havia meninos perambulando pelas ruas, então começamos indo para as ruas; iniciamos um projeto que chamava: *ao encontro do menino de rua* e visava o atendimento aos meninos na rua, sempre na perspectiva de promover o diálogo e a participação, até desenvolvemos uma cooperativa de engraxate. Foi uma experiência diferente, de olhar as estrelas de noite e dizer para os meninos, vamos deitar aqui e olhar as estrelas e perguntava quem sabe os nomes das estrelas. Nós fizemos uma série de atividades. No primeiro momento eu fui pedir estagiárias para as Escolas mas não quiseram. Responderam: “Ilda você vai colocar as alunas em perigo, é uma loucura”. Na época a escola naval que participava conosco começou a procurar espaços na rua para atender os meninos. Conseguimos, por meio da pastoral penal, um espaço na catedral, no subsolo, onde hoje funciona o banco da providência. Conseguimos verbas e contratamos profissionais e estagiários; essa ação deu origem a Fundação São Martinho, que funciona até hoje e sou uma das fundadoras com outros professores e irmãs religiosas. Assim, por meio do projeto *ao encontro do menino de rua*, desenvolvemos uma organização de trabalho com as famílias e com as crianças nas ruas, ao mesmo tempo, a luta pela constituição, com movimento meninos e meninas de rua. Participei também em determinado momento, do Conselho Regional de Assistente Social (CRAS), depois ficou Conselho Regional de Serviço

Social (CRESS), responsável pelo comitê de ética.

Em paralelo, o Serviço Social, iniciava o movimento de preparação de docentes, por meio do Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais (CBCISS). Ao mesmo tempo, começaram os Seminários de teorização: de Araxá, de Teresópolis e o Seminário de Sumaré. No Seminário de Sumaré eu estava estudando a metodologia dialógica e formamos um grupo de profissionais, para propor caminhos para o Serviço Social. No grupo percebemos que a fenomenologia existencial era a que reunia mais condições para desenvolver o Serviço Social em uma perspectiva de proximidade com a realidade e com as pessoas em sua existência, ou seja, trazer o vivido das pessoas e não levar nossa imposição como saber e conhecimento para outro, deixar que o conhecimento viesse da vivência daquelas pessoas, através de uma relação significativa, que o assistente social poderia desenvolver em todos os seus trabalhos. Então no decorrer do Seminário de Sumaré nós fizemos uma proposta nessa linha.

No Seminário havia um grupo com uma visão positiva, sistemática; visão mais cultural, não chegava ser uma visão marxiana e ao mesmo tempo, eu acompanhava toda essa discussão. Acompanhei também a ABAS (Associação Brasileira de Assistência Social) e a ALAITS (Associação Latino-Americana); as diversas discussões precisavam acontecer porque estávamos na fase de recessão, que exigia que tivéssemos uma leitura crítica da realidade; então, os seminários ocorreram nesse período e foram importantes. Volto a repetir, o Serviço Social precisava conhecer a realidade social, então começou a procurar essas diferentes formas de pensar para compreender a realidade social. A fenomenologia foi considerada uma visão mais estática, uma visão não crítica; mas pelo contrário, percebíamos pelas leituras que fazíamos que era e é sim uma visão crítica, construída com as pessoas e não feita por um grupo, Mesmo ao contrário dos outros grupos, continuamos dialogando e estudando, isso na década de 1980.

Ao mesmo tempo, haviam os mestrados que foram criados em 1982 na PUC-Rio e PUC-SP que foram pioneiros. Com isso, iniciaram-se reuniões da pós-graduação e eu participava dessas reuniões para colocar o serviço social na produção de pesquisa, porque o serviço social não era considerado um saber e não tinha uma tradição de pesquisa. Assim integraríamos o MEC, CAPES e o CNPq. O CNPq pressionou o Serviço Social para criarmos uma associação e formamos um grupo para criar a associação. Tínhamos representantes de Pernambuco – UFPE, na Universidade de Brasília era Eva, esposa do Prof. Vicente Faleiros e eu representava a Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ) e chegamos a construir a associação. Mas já havia a Associação Brasileira de Assistentes Sociais (ABAS) de ensino que considerou que a associação, com propósitos de pesquisa em Serviço Social, não correspondia as aspirações que estavam no debate geral. Então a ABAS se transformou em Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) e acabou com a associação que havíamos formado porque não poderia haver duas associações. Ficou diferente de todos os outros campos das ciências, porque você tem associação de pós-graduação nas áreas das ciências sociais, na educação e nas ciências humanas e essas associações tinham uma perspectiva de fortalecimento e nós preferimos juntar os dois elementos, numa única só. Quando organizamos o primeiro encontro de pesquisa em serviço social – ENPESS que foi na PUC-RJ, tínhamos a participação de vários profissionais de renome. O Prof. Vicente Faleiros apoiou o evento, entendendo que naquele momento era importante darmos um salto para a associação de pós. Mas a categoria foi por outros caminhos. Mesmo assim, indicamos o Prof. Vicente Faleiros para ser o primeiro representante do CNPq, pois considerávamos que ele tinha uma compreensão da dinâmica social e da política social que naquele momento era importante alguém ter: que pudesse olhar sem se comprometer com qualquer viés que pudesse atrapalhar o que estava sendo construído, que era valorizar o Serviço Social na área acadêmica. Fui tralhando sempre na perspectiva da metodologia dialógica; nós desenvolvemos essa metodologia que a Ana Augusta propôs, mas fizemos uma série de adaptações, porque a realidade foi nos mostrando o que tínhamos a fazer. Até o último momento em que estive na prática jurídica, foi sempre a visão da metodologia dialógica. Na pós-graduação criei um grupo de discussão de violência e cidadania. Estudamos os autores que analisaram a violência, estudamos com maior profundidade Michel Foucault que permitia compreender a sociedade disciplinar.

Ao mesmo tempo, resolvi em determinado momento, estudar uma outra autora, por indicação de uma professora da PUC-RJ – Sebastiana Rodrigues Brito – Hannah Arendt. Filósofa alemã, Hannah Arendt defende uma proposta política que supere qualquer tipo de orientação autoritária e totalitária, defendendo uma política de participação, democratização, de cidadania construída com as pessoas, no agir em conjunto, ou seja é possível, mesmo em tempos sombrios você pode criar novos caminhos e agir em conjunto em causas comuns. Hoje o Serviço Social não estuda essa autora e o Serviço Social fala sobre a defesa e a promoção dos direitos humanos e Hannah Arendt foi uma lutadora pelos direitos humanos e o pluralismo político; foi o grande norte desta autora. Na

trajetória do Serviço Social, vejo que estava presente e ainda está o respeito a pessoa, isso é o valor da dignidade da pessoa; isso existia no início e continua presente até os dias de hoje. O Serviço Social se voltou sempre para as relações sociais, então penso que isso precisa ser fortalecido. A gente cresceu muito na área do planejamento, da política, mas acho que teria que ser resgatado o campo das relações sociais, que por vezes vem sendo ocupado por outros profissionais. Será uma pena perdermos campos em que já reunimos um saber. Outro aspecto importante é que o serviço social antes não tinha crítica, sempre fizemos críticas e tivemos assistentes sociais que se perguntavam porque fazer Serviço Social à francesa. Portanto, havia uma crítica sempre presente e isso acho que foi recuperado. Mas sinto falta de uma produção do Serviço Social mais dirigida para epistemologia, ou seja, para a construção do conhecimento em Serviço Social propriamente dito. Seria valioso os Programas se voltarem para esse campo da epistemologia, da transdisciplinaridade, porque hoje em dia tem que se avançar nesse caminho sem perder a identidade. Nós só temos olhares para aquele campo e esquece os outros, por exemplo: a Marilda Yamamoto, disse que nós estamos com uma bibliografia muito isolada no Brasil. Temos que ler bibliografia de outros países pois ficamos isolados, defendendo posição, mas agora está se percebendo que não pode ser assim; temos que ver as diferenças, as semelhanças e ver onde existem pontes ou não tem. Sinto que temos que ler outras coisas, não pode ficar polarizado, por exemplo, quais são autores, quais são os argumentos teóricos presentes, onde existe convergência e aonde não existe convergência. Estamos em mundo globalizado, consumista, globalizado no sentido do espetáculo! Como formar assistentes sociais diante disso? Como ajuda-lo a perceber esse mundo, desenvolver essa capacidade de olhar diferenciado, conhecer a realidade social, mas não a realidade pronta, mas a realidade que se vai descobrindo pela capacidade de novos olhares aqui e agora. Porque o mundo está muito diferente, não posso querer fazer o que eu fiz há 40 anos atrás, mas existe a continuidade da proposta desta profissão que é do valor da dignidade da pessoa; da dignidade que busca por direitos humanos, direitos humanos que precisam ser acrescidos cada vez mais. Na medida em que vamos descobrindo o mundo diferenciado vão ocorrendo a necessidade de outras exigências. Então, vou tendo que acompanhar isso e, isso só é possível quando construo com o outro, e não ficar fechado.

Me formei em 1964, são 54 anos de formada; desde 45 anos e meio dei aulas; estudei Mary Richmond (1861-1928) e sou apaixonada por Mary Richmond, porque acho que não adianta acusá-la de positivista, nada disso, ela não foi nada

disso, ela foi uma das mulheres que conseguiu naquela época seguir e constituiu um campo de saber que foi denominado *Social Work*, com uma presença cultural inegável. Então, acho que falta estudá-la melhor. A Balbina hoje é considerada ultraconservadora, mas ela teve uma produção incrível naquela época em que ninguém sabia nada, ninguém tinha nada, ela trouxe tudo o que tinha na América e na Europa. O Serviço Social clínico nós não temos mais esperança no Brasil porque não é ensinado mais; nos outros países continuam e eu sou formada dentro dessa visão clínica. O CRESS e o CFESS não permitem. Mas é um saber, vejam um exemplo, na medicina, faziam cirurgias de um modo, hoje de outro, mas não posso dizer que o modo antigo não reunia um saber. Agora quem está lendo o Serviço Social Clínico são os psicólogos e usando-o com maestria. Acho importante do ponto de vista histórico, resgatarmos tudo o que a história nos legou. A história é feita de diversas visões, versões e fatos, então é importante dar visibilidade a tudo que for possível porque na medida em que fizermos isso vamos compreendo melhor os diferentes momentos da trajetória do Serviço Social.